

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO: AVALIAÇÃO DO PROJETO “CIDADANIA ATIVA: INTERAÇÃO DO IDOSO JUNTO À UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)”

*Roseli Ribeiro Mamede**

RESUMO

Em um país onde a expectativa de vida encontra-se em crescimento, torna-se essencial pesquisar acerca dos fatores que contribuem para uma melhor qualidade de vida da população idosa. Esta pesquisa busca analisar as contribuições das ações extensionistas do projeto “Cidadania Ativa: Interação do Idoso junto à Universidade”, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - *Campus Sinop*, para a promoção da inserção social desse público. Trata-se uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e caracteriza-se como estudo de caso e pesquisa de campo. Os dados indicam que as ações desenvolvidas pelo projeto “Cidadania Ativa” integram a universidade com a comunidade externa e, além de contribuir com a qualidade de vida do idoso, proporciona sua emancipação digital, na medida em que disponibiliza um espaço de aprendizagem contínua e convivência social, oportunizando que este se mantenha ativo.

Palavras-chave: educação superior; extensão universitária; responsabilidade social.

NATIONAL POLICY FOR THE ELDERLY: EVALUATION OF THE PROJECT
“ACTIVE CITIZENSHIP: INTERACTION OF THE ELDERLY WITH THE
UNIVERSITY OF THE STATE OF MATO GROSSO (UNEMAT)”

ABSTRACT

In a country where life expectancy is growing, it is essential to research about the factors that contribute to a better quality of life for the elderly population. This research seeks to analyze the contributions of the extension actions of the project “Active Citizenship: Interaction of the Elderly with the University”, of the University of the State of Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Sinop for the promotion of the

* Mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior. Técnica Educacional da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) – *Campus de Sinop*. ORCID: 0000-0002-3797-4445. Correio eletrônico: mamede.unemat@hotmail.com.

social insertion of this public. This is a descriptive research with a qualitative approach and is characterized as a case study and field research. The data indicate that the actions developed by the "Cidadania Ativa" project integrate the university with the external community and, in addition to contributing to the quality of life of the elderly, it provides their digital emancipation insofar as it provides a space for continuous learning and social coexistence, allowing it to remain active.

Keywords: *higher education; university extension; social responsibility.*

POLÍTICA NACIONAL DEL ANCIANO: EVALUACIÓN DEL PROYECTO
"CIUDADANÍA ACTIVA: INTERACCIÓN DEL ANCIANO EN LA
UNIVERSIDAD DEL ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)"

RESUMEN

En un país donde la esperanza de vida va en aumento, es fundamental investigar los factores que contribuyen a una mejor calidad de vida de la población adulta mayor. Esta investigación busca analizar las contribuciones de las acciones extensionistas del proyecto "Ciudadanía Activa: Interacción del Anciano con la Universidad", de la Universidad Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Sinop, para la promoción de la inserción social de esta público. Se trata de una investigación descriptiva con enfoque cualitativo y se caracteriza por ser un estudio de caso e investigación de campo. Los datos indican que las acciones desarrolladas por el proyecto "Cidadania Ativa" integran a la universidad con la comunidad externa y, además de contribuir a la calidad de vida de las personas mayores, propicia su emancipación digital, en la medida en que brinda un espacio de aprendizaje continuo y la convivencia social, brindándole oportunidades para que se mantenga activo.

Palabras clave: *educación superior; extensión universitaria; responsabilidad social.*

1 O IDOSO NO BRASIL

No Brasil, idoso é a pessoa acima de 60 anos; sendo que nos países desenvolvidos esta idade passa a ser 65 anos. Seria fácil se fosse simples assim definir as pessoas - pela idade; mas não é. Existem vários tipos de idosos, simplesmente porque existem vários tipos de pessoas. E cada uma dessas pessoas traz uma bagagem de vida diferente (ANDRIOLA; Mc DONALD, 2003).

Nossa velhice é fruto das escolhas que fizemos ao longo de toda a nossa vida. Não somente a genética determina como será nossa velhice. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) seis itens influenciam a forma como chegaremos nesta etapa de vida. Há os determinantes sociais, os econômicos, os comportamentais, os pessoais, os serviços sociais e de saúde disponíveis e por fim o ambiente físico. Podemos chegar a esta idade ativos ou com um nível de fragili-

dade avançado onde ficamos abaixo da linha da funcionalidade. Manter as pessoas mais velhas saudáveis e ativas é uma necessidade e não um luxo.

No Brasil, o aumento da expectativa de vida tem sido evidenciado pelos avanços tecnológicos relacionados à área da saúde, como por exemplo: o desenvolvimento de vacinas, antibióticos e elevação dos níveis de higiene pessoal. De acordo com o IBGE, em 2015, este número chega a mais de 30 milhões de pessoas acima do 60 anos no Brasil, correspondendo a 14,6% da população. Esse crescimento apresenta a velhice como uma questão social que requer grande atenção, pois está diretamente relacionada a questões como: saúde pública, aposentadoria, autonomia, ações sociais, entre outros fatores (PASQUALI *et al.*, 1994). Devido à baixa taxa de natalidade no Brasil, a população idosa está crescendo mais rapidamente do que a de crianças. No ano 2000, a relação era de 30 idosos para 100 crianças, e os dados apontam a tendência de que esta taxa dobre em 20 anos.

Embora a população brasileira esteja vivendo mais, a sociedade não está preparada para essa mudança com relação ao perfil populacional, pois a qualidade de vida da pessoa idosa não acompanha esse crescimento. Dados do IBGE (2015) mostram que o grupo de idosos com 75 anos ou mais teve um crescimento relativo nos últimos anos em relação ao total da população idosa.

Neste sentido, alguns aspectos da vida da pessoa idosa devem ser levados em consideração, tais como a qualidade de vida e as políticas públicas e sociais que promovam um envelhecimento saudável para a população. Diante desse cenário, a atividade e a autonomia ocupam um lugar de destaque, pois se torna imprescindível cultivar sonhos e projetos, e, na terceira idade, isso contribui para a manutenção da qualidade de vida e da saúde mental e física.

No Brasil e em Mato Grosso, conforme dados do IBGE (2015), torna-se importante garantir aos idosos sua autonomia, no sentido de fazer com que estes aceitem o processo de envelhecimento e ampliem suas relações pessoais para que realmente sejam protagonistas na sociedade, encontrando alternativas de aproveitar a vida de forma mais saudável.

Pensar em envelhecimento pressupõe um processo biológico que envolve a deterioração progressiva das condições de saúde, resultando na diminuição da capacidade funcional do indivíduo. Contudo, essa diminuição não depende apenas do avanço da idade, mas também das características individuais, dos estilos de vida e das condições de trabalho (CAMARANO; PASINATO, 2008).

A valorização e respeito ao idoso surgem como necessidades prementes para a construção de uma sociedade mais equitativa, possibilitando uma perspectiva de rompimento com a discriminação generalizada atribuída a este segmento populacional.

O empoderamento e seu exercício cotidiano assumem lugar central nos processos de transformação, desenvolvimento e promoção da cidadania dos indivíduos, pois permite atuar sobre as discrepâncias e possibilitar o protagonismo daqueles grupos mais desfavorecidos (ANDRIOLA; SOUZA, 2010).

Neste sentido, Kleba e Wendausen (2009) afirmam que os processos de empoderamento ocorrem em arenas conflitivas, onde necessariamente se expressam relações de poder as quais devem ser encaradas não como algo estanque e determinado, mas plástico, flexível e, portanto, modificável pela ação-reflexão-ação humanas, na medida em que os indivíduos compreendam seus papéis históricos e sintam-se capazes e motivados para intervirem em suas realidades.

O poder pode ser entendido no sentido de transformação social entre aqueles que o detêm ou não, gerando uma mudança significativa em busca de equitatividade. Por outro lado, segundo Paulo Freire (1972), o poder constitui um aumento da conscientização e desenvolvimento da criticidade entre os marginalizados e oprimidos, suscitando maior capacidade de intervenção e controle das situações. Entre estes grupos marginalizados situa-se o segmento do idoso e, a partir desta nova postura, os idosos serão capazes de desempenhar um papel ativo, fortalecendo suas habilidades e assumindo o lugar de protagonistas legítimos no próprio desenvolvimento (OAKLEY; CLAYTON, 2003).

Os idosos na sociedade brasileira são considerados desempoderados porque são vitimizados culturalmente, o que resulta da vulnerabilidade reforçada por preconceitos e estereótipos negativos relacionados à velhice. Entretanto, organizam-se e mobilizam-se para adquirir maior reconhecimento social e, assim, passam a constituir um desafio às estruturas existentes. Nesse processo, percebe-se que os idosos se encontram numa situação de vulnerabilidade, a qual, segundo Castel (1998), conjuga a precariedade das condições de trabalho e a fragilidade das bases de coesão social.

As pessoas idosas enfrentam os efeitos desta vulnerabilidade social, pois são consideradas socialmente improdutivas e, muitas vezes, não têm acesso ao mercado de trabalho e mantêm-se na informalidade. Outra dificuldade enfrentada refere-se à autonomia econômica, social e até mesmo simbólica, o que resulta em diversos tipos de preconceitos, tanto na família como na sociedade.

Conforme aponta Katzman (2005), vulnerabilidade não significa pobreza, mas a inclui. A pobreza faz referência a uma situação de carência efetiva e vivenciada no atual momento, enquanto a vulnerabilidade transcende tal condição, projetando no futuro a possibilidade de padecer, a partir das debilidades enfrentadas no presente. Muitos idosos estão em situação de vulnerabilidade social, além de sofrerem com a perda de laços afetivos e serem vítimas da exclusão, marginalização e inúmeras violências (físicas e psicológicas). Isso não significa que, necessariamente, precisa ocorrer uma redução de poder em outros segmentos, mas, certamente, o empoderamento deste grupo terá consequências sobre o poder exercido pelos demais.

“O poder também está relacionado com o conhecimento o qual consiste em uma fonte de poder e uma forma de adquiri-lo” (OAKLEY; CLAYTON, 2003, p. 11). Assim, todo conhecimento adquirido pode interferir nas relações existentes na medida em que legitima a autoridade. Contrapondo-se a isto, a ausência de conhecimento implica em carência de poder, assim, o conhecimento passa a ser um instrumento eficiente e necessário para o fortalecimento, em especial, para os idosos, na tentativa de superar os desequilíbrios sociais.

As Universidades Abertas para a Terceira Idade têm sido disseminadas pelo mundo como uma estratégia de empoderamento do idoso, uma educação não formal e permanente, que os instrumentaliza com conhecimentos e informações, possibilitando e legitimando o exercício pleno da cidadania. Este empoderamento em níveis social, cultural, econômico e político, em longo prazo, possibilitará reequilibrar a estrutura de poder dentro da sociedade e contribuirá para elaborar outro paradigma de velhice.

A educação não formal, ao contrário da educação formal, caracteriza-se por não ter a preocupação de desenvolver um currículo pré-definido, mas baseado em

desejos, necessidades e interesses das pessoas que constituem os grupos envolvidos em ações e práticas desse campo educacional (SILVA, 2006).

Segundo Gohn (2003), a educação não formal representa várias dimensões, como a aprendizagem dos direitos numa perspectiva política, o desenvolvimento de potencialidades, exercício de práticas comunitárias e sociais, a aprendizagem que capacite para uma leitura de mundo, transmissão de informações, como também a formação política, social e cultural. Acontece, portanto, a partir do compartilhamento de experiências em espaços e ações coletivas e cotidianas.

Na perspectiva da educação não formal, as Universidades Abertas à Terceira Idade buscam “[...] oferecer possibilidades de experiências e vivências para que esse público faça novas escolhas e opções pessoais e sociais [...]” (SILVA, 2006, p. 9), além de ofertar conhecimentos e informações com vistas à educação permanente.

Ao se pensar a educação como uma ação permanente, não se considera apenas uma evolução do pensamento pedagógico; trata-se de uma necessidade de constante atualização num ambiente globalizado, onde as mudanças são rápidas e contínuas, permitindo que o homem evolua segundo estes preceitos (OLIVEIRA, 1999).

Desta maneira, a educação como prática social permite que o homem aprenda continuamente, tornando-se possível pensar numa transformação cultural e na própria sociedade. De acordo com Pinto (1989, p. 39), “[...] a educação não é uma conquista do indivíduo [...]”, mas sim “[...] uma função da sociedade e como tal dependente de seu grau de desenvolvimento. Onde há sociedade há educação: logo, esta é permanente”.

A evolução social decorre da ação educacional. Assim, a educação para a transformação implica num caráter permanente, tanto para que a sociedade possa se desenvolver, quanto para que o indivíduo possa estar integrado a este desenvolvimento.

Para que de fato ocorra a organização dos idosos em busca da consolidação de seus direitos, é fundamental e urgente que a instrumentalização e a educação sejam acessíveis a todos. Conhecer os próprios direitos é preceito elementar para reivindicar melhores condições de sobrevivência e qualidade de vida.

Nestes condicionantes, a educação apresenta-se como propulsora da transformação social, porque através dela, além da aquisição de conhecimentos, o processo de socialização se intensifica e a formação de um sujeito crítico e reflexivo se consolida.

1.1 Envelhecimento ativo

A ação ou o ato de fazer alguma coisa é uma das necessidades básicas do ser humano. Manter-se ativo é um meio de equilibrar as perdas comuns ao estágio de envelhecimento e, ao mesmo tempo, proporcionar um espaço para que outras características sejam desenvolvidas e até potencializadas, fornecendo ao idoso uma forma de crescimento pessoal e superação do estresse. Independentemente da idade, é através da ação que o indivíduo explora, transforma e domina a si mesmo e ao seu ambiente.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2005, p. 13), “[...] envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que

as pessoas ficam mais velhas". Para que o envelhecimento seja uma experiência positiva, não basta uma vida longa, é preciso ter oportunidades nos campos da saúde, participação e segurança.

Para a Organização Mundial de Saúde (2005), o envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Ele permite que as pessoas percebam seus potenciais para o bem-estar físico, social e mental ao longo da vida, e que participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia aos indivíduos proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários.

O conceito de "ativo" não abrange apenas a capacidade de estar fisicamente em movimento ou fazer parte da força de trabalho. Refere-se à participação contínua do idoso em questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis. O envelhecimento ativo aumenta a expectativa de uma vida saudável e de qualidade. Essa abordagem baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas idosas, associados aos princípios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização. Apoia a responsabilidade dos idosos no exercício de sua participação ativa em sua própria vida e na comunidade (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005).

Qualidade de vida é um termo amplamente abordado, tanto nos meios científicos quanto na vida cotidiana. Abrange o conceito de bem-estar, mas isso depende da capacidade que se tem de julgar as próprias ações, ou seja, o quanto um indivíduo está ou não satisfeito com sua qualidade de vida. É, portanto, um conceito subjetivo, pois depende de padrões históricos, culturais, sociais e até mesmo individuais.

A avaliação da qualidade de vida de determinado indivíduo varia em função das três dimensões nas quais o sujeito encontra-se inserido, a saber: física, psicológica e social. Conforme a Organização Mundial de Saúde (2005, p. 14),

Qualidade de vida é a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente.

Na medida em que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade; cabe ao idoso avaliar sua própria qualidade de vida, seus valores e expectativas nos níveis pessoal e social.

A inserção de idosos em grupos de suporte social proporciona uma mudança no paradigma de velhice (muitas vezes associada à limitação e à incapacidade), porque nesses grupos é possível encontrar idosos ativos, autônomos, satisfeitos com sua condição geral e que se relacionam interpessoalmente com outras pessoas da mesma faixa etária ou não. Os idosos convivem com as limitações de saúde, contudo, elas não os impossibilitam de exercerem seus papéis como sujeitos socialmente ativos.

1.2 Extensão universitária para a terceira idade: barreiras e desafios

A extensão universitária para pessoas idosas constitui-se em programas e projetos de cunho educativo, cultural e científico que articulam, de forma indissociável, o ensino, a pesquisa e a extensão, viabilizando uma relação transformadora entre universidade e sociedade. Dessa forma, o retorno ao aprendizado na velhice trata-se de um momento de (re)viver os prazeres da vida. Então, a participação em atividades socioeducativas em um programa de extensão educacional passa a ter outro sentido. O estudo passa a ser, segundo Cortelletti (2010), uma possibilidade de capacitação do idoso para participar do processo de transformação social.

Percebe-se que as propostas dos programas de extensões educacionais voltadas para esse segmento são uma realidade presente na maioria das instituições de ensino superior do Brasil. Estas são baseadas em princípios de educação permanente que, segundo Netto (2001), possibilitam a atualização e a formação de pessoas idosas, consideradas como sujeitos responsáveis pela construção de valores humanos e atitudes maduras e de cidadania, nos âmbitos individual e coletivo, por todo o processo educativo.

É importante ressaltar que o papel desempenhado por esses programas/projetos propõe a construção de conhecimentos sobre o processo de envelhecimento. Pesquisas apontam que a maior parte dos idosos chega ao programa deprimido pela perda de papéis, tais como: perda de relações com os colegas de trabalho, de respeito, de papéis domésticos e outros. Tem se constatado que essas perdas contribuem para uma crise de identidade, podendo levar a pessoa idosa à tristeza profunda e, conseqüentemente, à depressão (ANDRIOLA; CAVALCANTE, 1999).

A permanência de idosos em programas de extensão educacionais representa uma possibilidade de descobrimento e redescobrimento de perspectivas para viver um envelhecimento ativo e bem sucedido. Segundo Oliveira (1999, p. 228),

A educação precisa ser considerada como a manifestação do compromisso maior da sociedade, que busca quebrar barreiras sociais, possibilitando uma real democracia, igualdade de participação e exercício da cidadania de todos os indivíduos principalmente do idoso.

Os programas/projetos dessa natureza estabelecem uma proposta pedagógica que busca trabalhar e desenvolver o conceito de educação voltado para pessoa idosa no que diz respeito a suas atividades sociais, culturais e políticas, incentivando o exercício da cidadania e possibilitando a integração social num mundo em constante transformação (ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006). A construção do ser é um processo contínuo que se dá em todas as etapas da vida. Estar consciente deste processo representa um grande diferencial para um envelhecimento produtivo, sendo que a educação é uma forte aliada nesse percurso. Nesse contexto, a extensão universitária voltada para pessoa idosa nas universidades brasileiras, em pleno século XXI, vive seu apogeu com a expansão de programas/projetos voltados para a terceira idade.

Dessa forma, essas construções simultâneas poderão dar sentido a um contexto mais amplo, um tecido social que demonstre que a Universidade é diferente não só no discurso, mas em suas práticas.

Os programas educacionais, sociais e de saúde direcionados aos idosos buscam promover um envelhecimento equilibrado e bem-sucedido, em que o declínio causado pela idade possa se contrapor aos benefícios obtidos pela participação nas propostas ofertadas (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012). Assim, estudos recentes têm se preocupado não apenas em avaliar perdas, mas em pensar nas possibilidades que esta etapa de vida traz (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013), inclusive em termos de carreira e estudos, que encontram na universidade um espaço de interlocução. A partir desse entendimento, é possível pensar em iniciativas que vão além da ocupação do tempo livre. O acesso à educação, nesse contexto, surge como um meio de promover o desenvolvimento na terceira idade e traz à tona a reflexão sobre a importância da carreira nesse processo.

Entende-se a educação como uma maneira pela qual o idoso pode vencer os desafios impostos pela idade, uma vez que possibilita não só a aquisição de conhecimentos e habilidades, mas também a ampliação dos laços sociais. Os programas sociais voltados aos idosos, apesar de terem denominações e currículos diversos, possuem propósitos comuns, como o de reverter os estereótipos e preconceitos com relação à velhice, promover a autoestima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, independência, autoexpressão e reinserção social, visando garantir uma velhice bem-sucedida.

Tais programas estão presentes em grande parte das universidades públicas e particulares e se mostram fundamentais no redimensionamento do processo de envelhecer. Cabe destacar que, com o crescimento destes programas, as Universidades da Terceira Idade também constituíram espaços privilegiados de estudo e pesquisa sobre o envelhecimento e acerca das atividades laborais e educacionais nessa fase (CACHIONI; NERI, 2004).

A universidade, para além da oferta de cursos, pesquisas e atendimentos à comunidade, deve ser compreendida como um espaço a que todos tenham acesso de diferenciadas formas e com diversas finalidades que não apenas o acesso ao ensino superior regular. Oferecer a possibilidade de que os idosos estejam semanalmente em um espaço antes compreendido como fechado a essa população ou destinado exclusivamente a jovens pode proporcionar uma revisão acerca do que é envelhecimento e desenvolvimento.

Assim, as aquisições passam a fazer parte dessa fase do ciclo vital, de modo que os idosos possam, a partir desses projetos, buscar maior qualidade de vida, engajamento, relacionamentos interpessoais significativos e empoderamento, o repercute na adoção de estratégias mais adequadas em saúde, ou mesmo em retomadas de projetos profissionais e de incrementos à aquisição de conhecimentos necessários para novos percursos ocupacionais.

Essa modalidade de projeto proporciona conhecimentos teóricos e práticos que enfatizam a importância do processo de envelhecimento ativo, representando uma maneira eficaz de preparo para o envelhecimento bem-sucedido. Segundo Neri (2005, p. 34), velhice bem-sucedida é "[...] uma condição individual e grupal de bem-estar físico e social, referenciada aos ideais da sociedade, às condições e aos valores existentes em que o indivíduo envelhece".

Diante desse contexto espera-se que, com a melhoria do nível educacional da população, certamente a população idosa será vista sem discriminação. Esse

novo olhar permitirá mudanças na concepção sobre igualdade e universalidade de direitos, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é descritiva com abordagem qualitativa, estudo de caso, bem como uma pesquisa de campo de corte transversal. Bogdan e Biklen (1994, p. 84) descrevem a abordagem qualitativa como:

[...] estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.

Considerando essas características, situamos a pesquisa como um estudo de caso. Conforme Yin (1989, p. 23), “O estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto de vida real, quanto a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.” Esta pesquisa caracteriza-se como estudo de caso por abordar uma realidade específica de um projeto de extensão da UNEMAT *campus* de Sinop, denominado Cidadania Ativa.

A pesquisa de campo é usada para extrair dados e informações da realidade através do uso de técnicas de coleta, como entrevistas ou pesquisas, para dar resposta a alguma situação ou problema abordado previamente (LAKATOS; MARCONI, 2010). É utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, para descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los (LAKATOS; MARCONI, 2010).

No entanto, a pesquisa de campo não deve ser confundida com a simples coleta de dados, pois exige controles adequados e objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (FERRARI, 1982). A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações nas quais, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza a coleta de dados junto a pessoas, com o auxílio de diferentes tipos de pesquisa (documental, participante) (ANDRIOLA, 2002; FONSECA, 2002). Nesta pesquisa buscaremos a construção dos dados junto aos participantes do projeto de extensão Cidadania Ativa, utilizando diversos instrumentos de modo a descrever como se processam as ações extensionistas.

2.1 Lócus da pesquisa

O lócus da pesquisa é o Centro de Extensão, Pesquisa e Cultura (CEPEC) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* de Sinop, mais especificamente, o Projeto de extensão Cidadania Ativa, que é parte do nosso universo de pesquisa nos últimos dois anos.

2.2 População e amostra

A população da pesquisa é composta por 25 participantes das ações de extensão implantadas na UNEMAT. A amostra é do tipo intencional, atendendo aos seguintes critérios: ser usuário participante do Projeto de extensão "Cidadania Ativa" e aceitar voluntariamente participar da pesquisa.

2.3 Instrumento

Após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da UFC¹ (Número 375300) e de posse da relação dos idosos que participam do referido projeto de extensão, foi iniciada a coleta. A pesquisadora entrou em contato com os potenciais participantes via telefone ou contato pessoal, explicando o objetivo e os procedimentos de pesquisa. Para os que concordaram, foi agendada uma entrevista. Esse encontro, realizado nos domicílios dos colaboradores e em salas reservadas da universidade, iniciou-se com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Posteriormente, foi realizada a entrevista individual orientada pelo questionário sociodemográfico e roteiro semiestruturado de entrevista. As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento dos participantes, e transcritas posteriormente, na íntegra. Por questões éticas, os nomes dos participantes foram omitidos, utilizando-se nomes fictícios.

Para validarmos os instrumentos utilizados na pesquisa, primeiramente questionamos dois idosos que não faziam parte do projeto, para avaliar se estes nos auxiliariam a responder à questão de pesquisa.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para analisarmos as entrevistas, nos embasamos em Mikhail M. Bakhtin, que propõe observar os discursos dos sujeitos como vivos, dinâmicos, dialógicos e que nascem a partir de interações sócio-históricas e ideológicas.

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), "[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana". Nesse sentido, a língua é um construto humano, o que significa que a linguagem se dá na interação entre os sujeitos.

Na perspectiva de Bakhtin, a linguagem e a interação são construções sócio-históricas; nesse sentido, buscamos compreender como se dá a relação entre o externo e o interno. Nas entrevistas, acessamos os discursos dos sujeitos como um produto da interação destes com a pesquisadora. Tal como afirma Bakhtin (2011, p. 271):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

¹ Proposta de Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC, sob o Número 375300.

Bakhtin (2011) salienta que a linguagem está ligada aos diversos campos de atividade humana. Desta maneira, procuramos refletir sobre a forma como os idosos compreendem e expressam a sua aprendizagem envolvendo as ações do projeto.

Iniciamos as entrevistas no mês de janeiro de 2020, com colaboradores das dependências da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, no Centro de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPEC), onde é executado o projeto Cidadania Ativa: interação do idoso junto à universidade.

Realizamos um agendamento prévio com os colaboradores para que pudessem vir ao CEPEC. Esses agendamentos ocorreram por telefone e os colaboradores escolhiam a data e o período para participarem das entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas e inseridas no Anexo 4.

O universo da pesquisa são 25 idosos participantes do referido projeto de extensão; destes, 24 idosos aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e foram denominados como MARIA A, MARIA B, MARIA C, MARIA D, MARIA E, PEDRO A, PEDRO B, PEDRO C, PEDRO D, ISABEL A, ISABEL B, ISABEL C, ISABEL D, ISABEL E, VERA A, VERA B, VERA C, VERA D, VERA E, CLOTILDE A, CLOTILDE B, CLOTILDE C, CLOTILDE D, CLOTILDE E para preservar suas identidades.

Os colaboradores são pessoas com mais de 60 anos de idade (apenas uma participante, Isabel E, possui 59 anos de idade), participantes do projeto de extensão e que voluntariamente aceitaram participar da pesquisa.

Conforme os dados preenchidos na ficha de inscrição do colaborador, a maioria dos participantes possui mais de 60 anos de idade; dezenove (19) recebem um salário mínimo; quatro (4) não são aposentados; e um (1) recebe mais de um salário mínimo. Tais dados nos permitem concluir que os participantes do projeto possuem baixa renda.

Os idosos na sociedade brasileira são considerados desempoderados porque são vitimizados culturalmente, resultado da vulnerabilidade reforçada por preconceitos e estereótipos negativos relacionados à velhice. Pensar em envelhecimento pressupõe um processo biológico que envolve a deterioração progressiva das condições de saúde, o que resulta na diminuição da capacidade funcional do indivíduo. Esta diminuição não depende apenas do avanço da idade, mas também das características individuais, dos estilos de vida e das condições de trabalho (CAMARANO; PASINATO, 2008).

Entre os colaboradores, 20 são do gênero feminino e 4 do masculino; 2 são analfabetos; 14 possuem ensino fundamental incompleto e 6 têm o ensino fundamental completo; 1 possui ensino médio incompleto e 1 tem ensino médio completo.

Quadro 1 – Grau de Escolaridade dos Participantes do Projeto

Grau de Escolaridade	Colaboradores	Percentual
Analfabeto	2	8,33%
Ensino Fundamental Incompleto	14	58,33%
Ensino Fundamental Completo	6	25%
Ensino Médio Incompleto	1	4,16%
Ensino Médio Completo	1	4,16%

Fonte: elaborado pela autora.

Ao questionarmos os colaboradores da pesquisa sobre como ficaram sabendo do projeto, obtivemos as informações que foram agrupadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Razão da procura pelo Projeto

Como souberam do projeto	Número de Participantes	Percentual
"CRAS - Centro de Referência de Assistência Social da cidade de Sinop, Mato Grosso"	2	8,33%
"Posto de Saúde"	1	4,16%
"Terminal do Circular"	1	4,16%
"Por intermédio de amigos"	5	20,82%
"Por intermédio dos familiares"	4	16,70%
"Assistindo televisão"	11	46%

Fonte: elaborado pela autora.

As respostas indicam que os colaboradores ficaram sabendo da existência do projeto devido às ações de divulgação realizadas todo semestre junto às mídias digitais e televisivas locais, as quais possibilitam maior visibilidade e conhecimento da população.

Ao questionarmos os colaboradores sobre a motivação para participar do projeto, foi possível perceber que os idosos têm interesse em aprender "coisas novas", ter novas amizades e que buscam uma melhoria na qualidade de vida.

Quadro 3 – Motivação para participar do projeto

Motivação para Participação no Projeto	Número de Colaboradores	Percentual
"Formação de novas amizades e convivência"	8	33,40%
"Interesse em aprender coisas novas"	12	50%
"Melhoria e bem-estar"	3	12,50%
Outros: distração	1	4,16%

Fonte: elaborado pela autora.

Com base nas respostas dadas pelos colaboradores quanto à motivação, nota-se que oito (8) destacam a formação de novas amizades e convivência, doze (12) dão mais ênfase ao aprendizado de coisas novas, três (3) procuram melhoria e bem-estar e um (1) procurou o projeto para se distrair.

Quadro 4 – Expectativas com relação ao projeto

Expectativa	Número de Colaboradores	Percentual
"Formação de novas amizades e convivência"	3	12,50%
"Interesse em aprender coisas novas"	16	66,70%
"Melhoria e bem-estar"	5	20,83%

Fonte: elaborado pela autora.

Nas respostas dadas pelos colaboradores quanto às expectativas, três (3) destacam a formação de novas amizades e convivência, dezesseis (16) dão mais ênfase ao aprendizado de coisas novas, cinco (5) procuram melhoria e bem-estar e um (1) procurou o projeto para se distrair.

Destacamos o relato de Maria B: “Aprender mais e a convivência e experiência com os outros idosos pra mim é muito importante e também levar conhecimento pra eles”. Maria C enfatiza: “O que me motivou é para interagir com outras pessoas”. Ambas salientaram a necessidade de formação de novas amizades.

Quanto ao interesse em aprender coisas novas, Vera E relata que: “É que participo do clube dos idosos, mas lá a gente só dança; aí disseram que aqui a gente ia aprender um monte de coisa”. Clotilde A respondeu: “Disseram que ia ter yoga, aí eu queria fazer porque é bom pra pessoa idosa; aí quando cheguei aqui, fiquei sabendo que a gente ia aprender um monte de coisa pra nossa idade”. Isabel A disse: “Aprender coisas que não tive oportunidade quando era mais nova e queria aprender a mexer no computador”.

O que nos chamou a atenção nos relatos que apontam a melhoria na qualidade de vida foi o fato de alguns colaboradores estarem com depressão e sozinhos em casa. Destacamos as falas a seguir: Isabel C relata que “Ficava muito sozinha em casa”. Clotilde C disse: “Minha amiga disse que era bom e eu estava em casa sem fazer nada”. Clotilde D respondeu: “Minha filha que veio me trazer pra ver se eu ia sentir melhor no meio de outros velhos. Estava com depressão, queria ver se me sentia melhor e o que ensinasse tava bom”. Clotilde B respondeu: “Quando eu era jovem só tinha tempo para trabalhar e agora não tenho mais que trabalhar, aí eu estava cansada de ficar em casa sozinha sem nada pra fazer”. Isabel E disse que “Morava no sítio, daí o meu marido morreu; tive que vim morar na cidade, estava com depressão. Eu não sabia nada, pois quase não vinha na cidade, fiquei perdida aqui, por isso minha filha me trouxe. Eu queria saber me virar na cidade, conhecer as pessoas, não me sentir sozinha e o que o projeto passasse pra mim tava muito bom”.

Quadro 5 – O que busca aprender

O que busca aprender	Número de Colaboradores	Percentual
“Informática”	15	62,50%
“Interesse em aprender coisas novas”	5	20,83%
“Música, teatro e atividades culturais”	4	16,7%

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados acima apontam que as respostas que predominaram foram a inclusão digital e o acesso às tecnologias, respectivamente: “participação em grupos”, igualando-se à resposta “fazendo novos amigos”, o que significa que há, também, a necessidade de estabelecer sociabilidade fora do âmbito familiar.

Desta forma, percebemos que os idosos querem uma forma de crescimento pessoal, além da superação do estresse. A ação ou o ato de fazer alguma coisa é uma das necessidades básicas do ser humano. Independentemente da idade, é através da ação que o indivíduo explora, transforma e domina a si mesmo.

Ao se pensar a educação como uma ação permanente e que o processo de aprendizagem ocorre durante toda a vida do homem, não se vislumbra apenas uma evolução do pensamento pedagógico, mas também uma necessidade de constante atualização num ambiente globalizado onde as mudanças são rápidas e contínuas, permitindo que o homem evolua segundo estes preceitos (OLIVEIRA, 1999).

As respostas dos colaboradores mostram que a expectativa de vida ocupa um lugar de destaque, fazendo com que mantenham seus sonhos e projetos, tendo qualidade de vida e a saúde mental e física, possibilitando a transformação, o desenvolvimento e a promoção da cidadania de cada idoso.

Para a Organização Mundial da Saúde (1994), qualidade de vida é

[...] a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente.

À medida que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por suas habilidades de manter autonomia e independência.

Ao questionarmos os colaboradores sobre as ações desenvolvidas pelo projeto de que mais gostaram, foi possível observar que os relatos se enquadravam em três categorias: Formação de novas amizades, convivência e qualidade de vida; Interesse em aprender coisas novas; e Inclusão Digital (Informática). Conforme dados do Quadro 6, a maioria dos idosos (13 colaboradores) indicaram ações relacionadas ao uso de tecnologias; 7 colaboradores apontaram a formação de novas amizades e convivência; e 4 colaboradores indicaram a aprendizagem como uma ação importante.

Quadro 6 – Ações de que mais gostou

Alternativas	Total	Percentual
Formação de novas amizades, convivência e qualidade de vida	7	29,17%
Interesse em aprender coisas novas	4	16,66%
Inclusão Digital (Informática)	13	54,17%

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados indicam que os idosos têm curiosidade de conhecer os avanços tecnológicos e vontade de aprender e formar novas amizades. Percebe-se que se sentem motivados e interessados em se tornarem independentes em tarefas associadas à tecnologia.

Destacamos, a seguir, o interesse em aprender computação, a partir de algumas falas dos colaboradores. Maria B afirmou: “Bom, eu gostei de todas; em primeiro lugar, foi a informática. Maria C disse: “Acho que uma parte que eu procurava mais era novamente mexer na parte de computação”. Pedro A disse: “Gostei dessa de mexer com a internet”. Maria D disse: “Buscava muitas coisas; mexer no computador, no celular”. Pedro D disse: “Gostei da professora que ensinou fazer exercícios pra cabeça; e da informática nunca tinha ligado um computador”. Isabel D: “De aprender a mexer no celular pra mandar mensagem de voz pras pessoas”. Vera C: “Gostei de tudo, mas o mais bom mesmo foi aprender a mexer no computador”. Clotilde B: “Gostei de ligar um computador, nunca tinha colocado a mão em um”. Clotilde E: “Aprender a informática, mexer no computador”.

A tecnologia surge, então, como forma de redução do isolamento, estimulação mental e, finalmente, de promover o bem-estar da pessoa idosa, podendo também facilitar o processo de comunicação. Percebemos o quanto é importante propiciar à pessoa idosa oportunidades de conhecer novas possibilidades, nesse caso, a inserção tecnológica.

Para incluir as pessoas de fato no meio digital é necessário disponibilizar não apenas um computador conectado à internet, mas o conhecimento de como utilizá-lo, a fim de contribuir para a construção e exercício de cidadania, melhorando as condições de vida da população. Segundo Warschauer (2006, p. 23),

[...] a exclusão digital caracteriza-se não apenas pela falta de acesso físico a computadores e à conectividade, mas também a recursos adicionais, que permitem que as pessoas utilizem a tecnologia de modo satisfatório, com habilidades cognitivas para potencializar o seu uso.

Ao questionarmos os colaboradores sobre a avaliação que fazem sobre as ações desenvolvidas pelo projeto, todos avaliaram de forma positiva, o que pode ser observado a partir do relato de alguns:

Maria A respondeu que: “Ah, eu achei muito boa, dou nota 10”; Maria D respondeu que: “Tudo que você ouve ou que você veja vale grande coisa; um 10 bem grande... foi bom... vou dar um 10, mas é avaliado 1000”; Segundo Pedro C: “Todas pra mim são boas, mas a informática e o piquenique foi 10”; Pedro D disse que: “A informática e quando o bombeiro veio falar dos primeiros socorros, foi nota 1000”; Vera A disse: “Tudo aqui é bom demais, espero que nunca acabe, porque esse projeto é nosso divertimento, a gente fica contando os dias para chegar logo a quarta-feira, pra nós se encontrar, fazer os exercícios e se divertir um pouco, a gente brinca e prosa com as colegas”; Clotilde D: “Pra mim todas elas são 10”.

Os resultados do referido estudo apontaram ainda que, na perspectiva dos colaboradores, o projeto oportunizou reflexões importantes e desenvolvimento pessoal a todos os envolvidos.

Como pudemos perceber a partir das perguntas referentes ao Projeto e seus usuários, as atividades têm proporcionado modificações na vida de muitos, uma vez que nestes espaços onde encontram pessoas com capacidades e interesses similares vem à tona o sentimento de igualdade e a oportunidade de participarem de atividades diversas, sentindo-se inseridos na sociedade e mais motivados na busca por direitos. Desta forma, o projeto Cidadania Ativa tem respondido positivamente ao propósito de proporcionar interação social e evitar o isolamento do idoso.

Com base nos dados obtidos, em que os colaboradores puderam dar mais que uma resposta, pudemos constatar que todas as atividades planejadas foram bem aceitas. Neste contexto, somos levados a conhecer o aspecto evolutivo de cada participante na produção de um saber geral e pessoal.

A educação não formal, ao contrário da formal, caracteriza-se por não ter a preocupação de desenvolver um currículo pré-definido, mas baseado em desejos, necessidades e interesses das pessoas que constituem os grupos envolvidos em ações e práticas desse campo educacional (SILVA, 2006).

Segundo Gohn (2003), a educação não formal representa várias dimensões, como a aprendizagem dos direitos numa perspectiva política, desenvolvimento de potencialidades, exercício de práticas comunitárias e sociais, capacitação para uma leitura de mundo, transmissão de informações, como também a formação política, social e cultural. A educação não formal acontece a partir do compartilhamento de experiências em espaços e ações coletivas e cotidianas.

Ao questionarmos os colaboradores sobre qual aspecto do projeto poderia ser melhorado, observamos que a maioria dos idosos gostaria que o projeto aumentasse a carga horária semanal e tivesse mais atividades de informática, além de atividades culturais e de ensino. Vejamos os relatos de alguns dos colaboradores:

Maria B respondeu que: "Eu digo assim, cada vez você pode melhorar; no contexto geral, é muito bom". Maria E: "Pra mim, tá tudo muito bom, não precisa mudar nada. Gosto da informática". Pedro C: "Pra mim, acho que tinha que ter mais vezes na semana, gostei de tudo que foi dado pra gente". Pedro D disse: "Pra mim podia ser todos os dias da semana, gosto de tudo". Isabel D falou que "Podia ter mais vezes porque, você sabe, a gente fica esquecida das coisas; estou gostando muito de aprender a lê". Isabel E disse que: "Acho que deveria ter mais dias na semana, gosto da música e do teatro, eles ajudam se soltar mais". Vera B disse que "Tinha que ser mais vezes na semana, gosto de tudo, gosto de participar do projeto, gosto dos professores, das colegas que tenho aqui; aqui a gente se diverte, brinca e tem até passeio". Vera E respondeu que "Acho que não precisa mudar nada não; gosto de como as pessoas trata a gente aqui, todos são muito dedicados". Clotilde A falou que "Podia ter mais dias na semana, gosto do companheirismo dos colegas, um ajuda o outro". Clotilde B respondeu que "não precisa mudar nada, não; aqui a gente aprende de tudo um pouco, então tá bom do jeito que tá". Clotilde D disse que "Podia ter mais vezes; um dia só passa rápido, gosto de tudo".

Com base nas respostas dos colaboradores percebemos que, na perspectiva da educação não formal, a UNEMAT vem desenvolvendo ações que visam integrar o idoso à sociedade, promovem a qualidade de vida, além de oportunizar o acesso ao conhecimento, o que vem ao encontro do que as Universidades abertas à terceira idade buscam, que é "[...] oferecer possibilidades de experiências e vivências para que esse público faça novas escolhas e opções pessoais e sociais [...]" (SILVA, 2006, p. 9), além de oferecer conhecimentos e informações dentro de uma perspectiva de educação permanente.

Ao questionarmos os colaboradores sobre como as ações desenvolvidas pelo projeto impactaram suas vidas, observamos relatos relacionados à qualidade de vida, ressaltando como as ações desenvolvidas pelo projeto impactaram na formação de novas amizades e independência digital.

O que podemos constatar nos relatos de alguns dos colaboradores:

Pedro A respondeu que: "Ajudou muito, muita coisa ali a gente aprendeu, coisa que a gente nem pensava dar valor; com os amigos, com as pessoas, com os professores, principalmente; contudo, muitos não sabem dar valor às coisas boas, eu me vejo outra pessoa bem diferente,

bem diferente porque se eu não tivesse lá, não tinha conhecimento com tanta pessoa e com tantas coisas que ‘nóis’ aprendemos foi aprendido coisas de mais gostei de tudo que foi feito pra mim não tem coisa melhor por isso tô pensando quantos anos eu tô até agora então se eu não desse valor pra aquilo mas eu dei valor e tô dando valor até hoje”. Maria D disse que “Ajudou muito, muito na cabeça, na saúde; sair de casa, senão ficava sentado ou limpando casa, trabalhando, aí lá a gente sai, conversa, fazia amizade com as pessoas, tudo muito melhor, mais assim mudou porque quando nós tava lá na Querência era pequenininho, quando nós chegemos aqui não tinha nada, aí lá a gente se abriu mais, fez amizades; nossa, foi muito bom, sinto não ter conseguido participar mais, gostava muito, largava tudo pra ir; nós deixava tudo de lado e ia”. Pedro C respondeu que “Ajudou muito, sem dúvida, fora a utilidade tem na nossa vida, muita coisa bonita, aqueles desenhos, você ver animal, é coisa que você fica até surpreso de ver, tanta nitidez. O uso da internet é muito importante, que no mesmo instante você tá sabendo coisa do mundo e até de outros países, muito bom; é uma qualidade que a gente necessita, a terceira idade é a que mais necessita, que menos tem conhecimento e depende do projeto, de uma aula para poder aprofundar um pouco mais no conhecimento”. Isabel E falou: “O projeto me ajuda em muitas coisas; aprendi a mexer com o computador, com o celular, saí da depressão; hoje sou completamente diferente de quando cheguei aqui, antes eu vivia só no sítio, o marido que fazia tudo na cidade; quando ele morreu eu tive que vim morar na cidade, fiquei até doente; não sabia fazer nada e tenho pouco estudo, ficou muito difícil; depois que comecei a participar do projeto sou outra mulher, completamente diferente; olha, quase que não me deixaram participar porque eu não tinha 60 anos”. Clotilde D falou: “Tá ajudando muito, já não sinto mais aquela tristeza que eu sentia antes, minha vida melhorou muito; minha filha já não precisa me levar no médico toda hora, já não reclamo mais tanto que dói aqui e dói lá; antes vivia olhando minha pressão, tomava um monte de remédio, agora até que esqueço que tenho pressão alta”.

Apresentamos todos os relatos dos colaboradores, pois percebemos a relevância de suas falas, que evidenciam que a participação no projeto faz com que os idosos interajam mais com outras pessoas, saindo do isolamento de suas casas, voltando ao convívio social. Vários dos colaboradores destacam que conseguiram utilizar dispositivos celulares e computadores por conta própria e como isso foi impactante em suas vidas, o que caracteriza a independência digital. Destacamos também que os idosos relatam a oportunidade que têm de estarem aprendendo coisas novas e que isso é um estímulo para participarem do projeto.

Ao analisarmos as respostas dos colaboradores, concluímos que a participação de idosos em grupos de suporte social proporciona uma mudança no paradigma de velhice enquanto limitação e incapacidade, porque nesses grupos é possível encontrar idosos ativos, autônomos, satisfeitos com sua condição geral e que se relacionam interpessoalmente com outras pessoas de mesma faixa etária ou não. Os idosos convivem com as limitações de sua saúde, contudo, elas não os impossibilitam de exercerem seus papéis de sujeitos socialmente ativos. A avaliação da qualidade de vida de determinado indivíduo varia em função das três dimensões nas quais encontra-se inserido: física, psicológica e social.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2005, p. 14),

Qualidade de vida é a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito muito amplo que incorpora de uma maneira complexa a saúde física de uma pessoa, seu estado psicológico, seu nível de dependência, suas relações sociais, suas crenças e sua relação com características proeminentes no ambiente.

Na medida em que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade; cabe ao idoso avaliar sua própria qualidade de vida, seus valores e expectativas nos níveis pessoal e social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Política Nacional do Idoso (Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1996 / Decreto n.º 1948, de 3 de julho de 1996) regulamenta os direitos sociais do idoso, estabelecendo condições para a promoção de sua autonomia, integração e participação na sociedade. Assim, as iniciativas na área social voltadas para o atendimento ao público idoso devem efetivar ações de proteção e inclusão social.

Observar os relatos dos idosos sobre estar aprendendo “coisas” que nunca tiveram a oportunidade de aprender “no seu tempo”, como por exemplo, informática, alimentação saudável, navegar em um mundo digital e conversar pelo computador. Ver a alegria refletida no rosto dessas pessoas, renovadas pela possibilidade de falar com seus filhos e netos, mesmo que distantes, por meio da tecnologia, e o sentimento de inserção social e valorização pessoal. Ao contextualizar o tema, percebe-se que o sentido de qualidade de vida para os idosos abrange muitos significados, porém, como mencionado anteriormente, a saúde e a formação de novas amizades para eles são elementos primordiais.

A discussão dessas motivações deixa claro que a educação é uma via de promoção de saúde na terceira idade, permitindo o desenvolvimento contínuo e facilitando a adaptação às condições decorrentes da idade. A abertura do espaço universitário a essa população também se associa a uma perspectiva de desenvolvimento ao longo da vida, de modo que os idosos sejam constantemente incentivados a buscar e a discutir novas perspectivas, planejando atividades e projetos.

Embora a amostra deste estudo seja considerada reduzida, esta contemplou a totalidade de idosos que se dispuseram a participar. A investigação de caráter qualitativo permitiu um maior contato com esses idosos, no sentido de conhecer suas histórias e as nuances do envolvimento com a universidade.

Alcançamos o nosso objetivo de pesquisa: Analisar as contribuições das ações extensionistas do projeto “Cidadania Ativa: Interação do Idoso junto à Universidade” da UNEMAT – *Campus* de Sinop, para a promoção da inserção social. Contemplamos o primeiro objetivo específico: destacar as áreas de atuação das ações desenvolvidas pelo projeto e como elas impactam na vida dos participantes do projeto Cidadania Ativa, pois foi possível perceber nos relatos dos entrevistados que o projeto desenvolve ações que proporcionam a formação de novas amizades e a convivência social do idoso, além de ações que favoreçam a indepen-

dência digital e o desenvolvimento cognitivo. Também foi possível perceber que as aulas de informática foram destacadas como uma das atividades que os idosos tiveram maior interesse, considerando o modo como o uso das tecnologias impactou em suas vidas, o que vem ao encontro do que Oliveira (1999) salienta sobre a necessidade da educação permanente ao longo de toda a vida do ser humano.

Alcançamos também o segundo objetivo específico: Identificar as potencialidades e fragilidades das ações de extensão desenvolvidas projeto Cidadania Ativa, pois percebemos que, ao ofertarmos atividades prazerosas e úteis para a vida dos idosos, tais como informática, Yoga, alimentação saudável, entre outras, colaboramos para que este idoso se torne mais independente e empoderado, auxiliando também na sua qualidade de vida. Isto pode ser observado nos relatos de Clotilde D, Isabel C e Isabel D, que salientaram que o projeto contribui para a saúde mental, pois afirmaram que a participação no projeto está auxiliando-as na recuperação da depressão, o que se alinha com as ações da Organização Mundial da Saúde (2005) sobre a importância da qualidade de vida para as pessoas idosas.

Bakhtin (2011) menciona também que a produção de sentidos é carregada de impressões sócio-históricas, pois não é possível compreender um texto isoladamente, fora do seu contexto social e histórico, uma vez que o texto se constitui numa situação social específica. Nos discursos apresentados pelos idosos percebemos que, quando estes aprendem conceitos novos, entram em contato com o processo de desenvolvimento desse conhecimento e com a realidade sócio-histórica atual e fazem ligações com o conhecimento adquirido no passado, possibilitando uma ressignificação de conceitos e conhecimentos. Porém, essa reconstrução vai muito além da construção do conhecimento, perpassando áreas como a qualidade de vida e o bem-estar do idoso.

Constatamos na pesquisa que o Projeto Cidadania Ativa desenvolve um papel importante relacionado à integração da universidade com a comunidade externa, e que esta relação traz mudanças significativas na vida dos participantes, o que vem ao encontro do que Silva (2006) salienta sobre a importância da educação não formal disponibilizada pelas universidades abertas à terceira idade.

Respondemos nosso terceiro objetivo específico: apresentar sugestões de melhoria para as ações de extensão em relação à inserção social dos idosos. A partir das sugestões dadas pelos colaboradores da pesquisa, percebemos que o projeto poderia ser ofertado mais vezes durante a semana, porém, esbarramos no desafio de encontrar voluntários que desejem ofertar cursos voltados para a terceira idade.

Com relação à Instituição como um todo, constatamos que um ponto a ser melhorado junto à gestão da UNEMAT é o conhecimento sobre as ações de extensão desenvolvidas em seu âmbito e o público a que se destina. Isto porque os projetos desenvolvidos na instituição não podem ser um programa isolado, oferecido apenas no espaço universitário, mas que possa compartilhar o sentido de universidade e se integrar a outros projetos e estudos nela desenvolvidos.

A integração do Projeto à comunidade universitária pode ser uma oportunidade de aprendizagem a ser mais explorada nas intervenções e investigações vindouras. Outro aspecto que pode ser potencializado é a orientação de carreira pós-aposentadoria, haja vista que muitos idosos permanecem em suas atividades laborais após o encerramento de uma vinculação trabalhista formal, ou mesmo

iniciam uma nova atividade. Assim, os programas de preparação para a aposentadoria existentes na universidade também podem estreitar o contato com o projeto Cidadania Ativa.

Espera-se que, com a pesquisa, a universidade venha a se tornar referência com relação à integração do idoso, buscando ações de extensão que visem à melhoria da qualidade de vida, desconstruindo a imagem da velhice como uma época da vida improdutiva e sem avanços; desta forma, o Projeto Cidadania Ativa busca contribuir para a desmarginalização do velho.

Ademais, busca-se promover o resgate da cidadania e empoderamento da comunidade a partir do diálogo, organização política da sociedade, controle, acompanhamento e avaliação das políticas públicas e gestão qualificada, seguindo não somente a direção de poder, mas prevendo mecanismos de participação da sociedade, o que pode ser feito não só por cursos, como também por meio de auxílio técnico, suscitando debates e estimulando a interação entre a Universidade e seu entorno.

Por fim, este estudo buscou contribuir com a discussão teórica que vem sendo realizada, no sentido de compreender de que forma os idosos se beneficiam das experiências de aprendizagem, garantindo, assim, as bases para que os programas voltados a esse grupo sejam ampliados, adequados a seus interesses e necessidades. Além disso, foi possível refletir sobre como a universidade enquanto espaço de construção do saber pode oportunizar discussões sobre conhecimento, práticas de saúde, promoção de bem-estar, envelhecimento, envelhecimento-ativo e se apresentar como um espaço aberto para receber e integrar essa população.

Apresentamos, como sugestão para pesquisas futuras, um estudo mais detalhado sobre os projetos de extensão desenvolvidos pela UNEMAT no *Campus* de Sinop, a fim de mapear as ações e os impactos destes na sociedade.

Finalmente, esperamos que esta e outras pesquisas já realizadas e que tiveram como foco as ações de extensão voltadas para a terceira idade possam ser referência para pesquisadores, no intuito de trazer contribuições quanto ao entendimento do processo de envelhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Idosos em instituições de longa permanência: Desenvolvimento, condições de vida e saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 820-830, 2013.

ANDRIOLA, W. B. *Detección del Funcionamiento Diferencial del Ítem (DIF) en tests de rendimiento*: aportaciones teóricas y metodológicas. 2002. 529 f. Tese (Doutorado) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2002.

ANDRIOLA, W. B.; ANDRIOLA, C. G.; MOURA, C. P. Opiniões de docentes e de coordenadores acerca do fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 52, p. 365-382, jul./set. 2006.

- ANDRIOLA, W. B.; CAVALCANTE, L. R. Avaliação da depressão infantil em alunos da pré-escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 12, p. 419-428, 1999.
- ANDRIOLA, W. B.; Mc DONALD, B. C. (org.). *Avaliação: Fiat Lux em Educação*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2003.
- ANDRIOLA, W. B.; SOUZA, L. A. Representações sociais dos gestores e dos técnicos das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Ceará (UFC) acerca da autoavaliação institucional. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 45-72, 2010.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAPTISTA, N. de Q.; CAMPOS, C. H. Caracterização do Semiárido Brasileiro. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, E. O. Edni (org.). *Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social*. Brasília: Editora IABS, 2013.
- BAUMAN, Z. *Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CACHIONI, M.; NERI, A. L. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In: A. L. Neri, & M. S. Yassuda (org.), *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, SP: Papyrus, 2004. p. 29-49.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; LEITÃO; MELLO, J. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-74.
- CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. *Envelhecimento funcional e suas implicações para a oferta de trabalho brasileira*. Texto para discussão n. 1326. Rio de Janeiro: IPEA, 2008.
- CARMONA, C. F.; COUTO, V. V. D.; SCORSOLINI-COMIN, F. The experience of loneliness and the social support to elderly women. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 4, 681-691, 2014.
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. Apresentação da segunda edição. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M (org.). *Idoso Asilado: um estudo gerontológico*. 2. ed. Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FURTADO, E. S. Terceira Idade: enfoques múltiplos. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.121-147, nov. 1997.

- GOHN, M. G. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeção da População Idade para o Período 1915 - 2030*. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Revisão 2015, Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 2 maio 2020.
- KAZTMAN, Ruben. *Vulnerabilidad y Exclusión social*. Una propuesta metodológica para el estudio de las condiciones de vida de los hogares, 2005.
- KLEBA, M. E; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde Social*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos da metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- MORIN, E. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e serviço social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- OAKLEY, P; CLAYTON, A. *Monitoramento e avaliação do empoderamento*. Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.
- OLIVEIRA, R. C. S. *Introdução à administração: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2009.
- OLIVEIRA, R. C. S. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. Campinas: Papyrus, 1999.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- PASQUALI, L.; GOUVEIA, V. V.; ANDRIOLA, W. B.; MIRANDA, F. J.; RAMOS, A. L. M. Questionário de Saúde Geral de Goldberg (QSG): adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 10, p. 421-437, 1994.
- SAÚDE; REDE INTERAGENCIAL DE INFORMAÇÕES PARA SAÚDE. *Demografia e Saúde: Contribuições para análise de situação e tendências*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Ministério da Saúde do Brasil, 2009.
- SCORALICK-LEMPKE, N. N.; BARBOSA, A. J. G. Educação e envelhecimento: Contribuições da perspectiva life-span. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, n. 1, 647-655, 2012.
- SILVA, R. Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social no Brasil. Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1, 2006, São Paulo, *Anais do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Social*, USP, São Paulo, 2006.

TRUJILLO FERRARI, A. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

WARSHAUER, M. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Editora SENAC/SP, 2006.

Recebido em: 21 nov. 2022.

Aceito em: 1.º dez. 2022.